

Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética de tradução?¹

Jean Delisle

Tradução:
Cristian Cláudio Quinteiro Macedo
Ana Karina Borges Braun

Revisão de tradução:
Patrícia C. R. Reuillard²

Resumo: O objetivo do presente artigo é traçar um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses. Para tanto, o autor buscou cinco pontos de comparação. Primeiramente a apropriação do texto de partida, ou seja, em que medida os dois grupos de tradutores, separados geográfica e temporalmente, lidavam com o texto de partida em suas traduções, seja melhorando-os, adaptando-os ou reorganizando-os. Também comparou a busca por legitimidade, quer dizer, os tradutores medievais levantando a questão da tradução para o vulgar diante da autoridade do latim e, por sua vez, as tradutoras feministas buscando legitimar a voz feminina diante do discurso patriarcal. Os esquemas e o didatismo nos prefácios foram outro ponto de comparação, sendo utilizados por ambos os grupos, seja em seu desenho formal, seja em seu papel educativo. As intervenções na língua também foram observadas: os tradutores medievais precisavam criar palavras na língua vulgar para dar conta das significações do latim, e as tradutoras feministas apagavam as marcas sexistas da língua, desconstruindo e reconstruindo palavras. O último ponto de comparação, a visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução, demonstrou o quanto os dois grupos deixavam transparente sua presença nos textos traduzidos.

Palavras-chave: história da Tradução; tradução medieval; tradução feminista.

Résumé: L'article met en parallèle les traducteurs médiévaux français et les traductrices féministes canadiennes. Pour cela, l'auteur s'appuie sur cinq points de comparaison. Premièrement, l'appropriation du texte source: de quelle manière les deux groupes de traducteurs, séparés géographiquement et temporellement, l'ont-ils utilisé dans leurs traductions, soit en l'améliorant, en l'adaptant ou en le réorganisant? La quête de légitimité a également été comparée: comment les traducteurs médiévaux ont-ils soulevé la question de la traduction en langue vulgaire face à l'autorité du latin et, à leur tour, comment les traductrices féministes ont-elles cherché à légitimer la voix féminine face au discours patriarcal. Les schémas et le didactisme des préfaces ont constitué un autre point de comparaison, car ils ont été utilisés par les deux groupes, dans leur conception formelle, ou dans leur rôle éducatif. Les interventions dans la langue ont également été observées, avec, d'une part, la création de mots dans la langue vulgaire pour rendre compte des significations latines par les traducteurs médiévaux et, d'autre part, les traductrices féministes, qui essayaient d'effacer les marques sexistes de la langue, en déconstruisant et en reconstruisant les mots. Le dernier point de comparaison, la visibilité du traducteur dans sa traduction, a montré à quel point les deux groupes ont rendu transparente leur présence dans les textes traduits.

Mots-clés: histoire de la traduction; traduction médiévale; traduction féministe.

¹ Traduzido a partir de *Traducteurs Médiévaux, traductrices féministes: une même éthique de la traduction?*, por Jean Delisle, publicado em TTR, vol. 6, n.1, 1993, p. 203-230, com autorização do autor.

² Cristian Cláudio Quinteiro Macedo: Doutorando em Letras (UFRGS), cristianmacedoxix@gmail.com
Ana Karina Borges Braun: Pós-Doutoranda em Letras (UFRGS), anakarinabraun@gmail.com
Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

Pode parecer surpreendente, até mesmo incongruente, tentar traçar um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses. O que podem ter em comum Jean de Meung, Pierre Bersuire, Raoul de Presles, Nicole Oresme, Simon de Hesdin, Laurent de Premierfait, Jean Miélot e as tradutoras Susanne de Lotbinière-Harwood, Barbara Godard, Kathy Mezei, Marlene Wildeman, Fiona Strachan, Yvonne Klein e Luise von Flotow?

À primeira vista, tudo parece separar esses dois grupos de artesãos da tradução, que pertencem a universos culturais totalmente diferentes. Na Idade Média, são essencialmente homens que se dedicam a essa atividade. São monges, religiosos, advogados, valetes, médicos, professores. A vida intelectual e artística gravita em torno dos mosteiros e das cortes senhoriais. As obras traduzidas, geralmente encomendadas pelo rei ou por senhores feudais letrados, têm todas um caráter utilitário. O que interessava à elite de então eram os tratados políticos, econômicos, históricos, astronômicos, técnicos, ou seja, obras práticas. Traduziam-se sobretudo as *auctoritates*: grandes autores da Antiguidade greco-romana, sábios e teólogos respeitados, doutores da Igreja. O rei, que não queria ser um “asno coroadado”, cuida de sua própria educação e deseja elevar o nível intelectual dos membros da corte. Muitos tradutores são também preceptores da elite do reino. O público leitor se compõe, além do próprio rei, de altos dignitários civis e eclesiásticos, eruditos e nobres damas que, não sabendo latim, ordenam que o seu *latinier*³ lhes ofereça tal obra na língua vulgar. Lembremos que a escalada das línguas vulgares na Europa se fez simultaneamente a uma intensificação do conhecimento do latim. Nos mosteiros e entre os eruditos, assim como no seio dos aparelhos administrativos e judiciários, o latim mantinha a preeminência e eram os homens que detinham solidamente o poder. No campo que nos interessa, podem-se contar nos dedos da mão as mulheres que praticavam a tradução cujos nomes tenham chegado até nós.

Hoje, ao contrário, o conjunto de adeptos da abordagem feminista da tradução é predominantemente composto por mulheres. Ao que sabemos, o único homem que se define como tradutor feminista é Howard Scott, tradutor de *L'Eugélonne* (Louky Bersianik) e de *Antre* (Madeleine Gagnon). Ao contrário dos tradutores da Idade Média que trabalhavam de forma mais ou menos isolada, todas as tradutoras canadenses se conhecem, se encontram frequentemente em seus colóquios e mesas-redondas e publicam, junto com as escritoras que elas traduzem, textos coletivos ou números temáticos em revistas como *Tessera*⁴. Esses encontros e essas publicações permitem uma reflexão original, intensa, “vanguardista”

³ N. de T.: erudito que conhecia várias línguas e que fazia as vezes de tradutor e intérprete.

⁴ Cf. David Homel e Sherry Simon, orgs. (1988), *Mapping Literature*, p. 48.

mesmo, sobre a tradução. As obras traduzidas se compõem quase essencialmente de obras literárias: romances, novelas, ensaios, poesias, artigos e textos de conferências. Além do mais, esses escritos têm em comum o fato de estarem ligados a uma ideologia específica: o feminismo. Pode-se dizer então que as feministas se traduzem entre si. Fato importante de destacar, a maioria das traduções se faz do francês para o inglês, sendo as romancistas, poetisas ou teóricas feministas quebequenses traduzidas por suas colegas canadenses de língua inglesa.

Além dessas divergências evidentes – e seria fácil aumentar a lista –, é possível destacar muitos pontos em comum entre a maneira de traduzir dos medievais franceses e a das tradutoras feministas canadenses. Faremos nossa abordagem nos seguintes pontos:

1. Apropriação do texto de partida
2. Busca por legitimidade
3. Esquemas e didatismo nos prefácios
4. Intervenções na língua
5. Visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução

1. Apropriação do texto de partida

Sobre a maneira de traduzir dos tradutores da Idade Média, Jacques Monfrin escreve:

Parece que raramente houve, antes do fim da Idade média, uma preocupação histórica e filológica de deixar ou de rerepresentar a obra de um autor na forma exata que ele havia desejado produzir. Seguindo uma ideia geralmente difundida, todo escrito destinado a instruir é *perfectível* e no momento em que se transcreve ou se traduz, não se vê nenhuma razão para não atualizá-lo ou melhorá-lo, completando-o com ajuda de ensinamentos de outras fontes.⁵

Todo escrito destinado a instruir é *perfectível*. Para os tradutores medievais como para as tradutoras contemporâneas, o texto não aparece como um dado imutável que é preciso respeitar, até venerar, mas como uma matéria-prima que se pode reorganizar mais ou menos conforme se deseje, como defende Kathy Mezei:

Traduzir é inventar, criar e, com frequência, trair – a fonte. A tradução é um ato ousado, um ato que requer coragem e fé, e nós, mulheres escritoras, estamos especialmente sintonizadas com a escrita da tradução, não apenas por termos que traduzir a partir de nossa ‘fonte’, como também por termos

⁵ “Humanisme et traductions au Moyen Âge”, p. 217-218.

que tomar a decisão de traduzir para o discurso dominante, o reconhecido discurso do patriarcado, o “androleto”, ou de nos aventurarmos em uma outra língua que parece ter de ser transcrita à medida que avançamos^{6,7}.

Na perspectiva feminista, a tradução é produção, e não simples *re*-produção de sentido. Esse era também um dos traços da forma de traduzir de seus distantes predecessores.

Aos olhos das feministas, a língua não é neutra. Modelada pelo homem, ela tem a marca de seu poder, de sua visão de mundo e do lugar (subalterno) que ele reserva à mulher. As feministas recusam então “falar masculino” e se esforçam para “falar feminino”. Elas têm a convicção de que aquele ou aquela que detém o conhecimento detém também o poder. E o discurso é instrumento de poder, mesmo o discurso retransmitido pela tradução. Susanne de Lotbinière-Harwood exprime isso de forma um pouco mais clara:

[...] longe de ser neutro, o ato de traduzir constitui um discurso [...]. Mais do que uma via de passagem de uma língua para outra, a tradução é também um lugar de poder. Para as tradutoras feministas, ela representa um espaço a investir, um poder a exercer.⁸

Mas esse discurso, pelo qual o tradutor ou a tradutora toma a palavra, supõe uma operação de apropriação do texto original. Os artesãos da tradução nas duas épocas colocadas em paralelo não se ocultam diante do autor traduzido. Eles se colocam totalmente no texto traduzido, interpondo-se entre o autor e o leitor. Além disso, eles duplicam o autor, tornam-se co-autores. O desvio do texto original, pois é disso do que se trata, manifesta-se concretamente pelas intervenções do tradutor ou da tradutora, normalmente reservadas aos autores. Daremos vários exemplos disso ao longo do nosso estudo.

2. Busca por legitimidade

Na Idade Média, o latim era a língua da Universidade, da ciência, da Igreja e dos atos oficiais do Estado. A língua francesa, por sua vez, ainda estava em gestação. Fortalecidos pelo apoio de sucessivos reis, os tradutores levantaram uma questão de princípio, a da legitimidade da tradução para a língua vulgar. É bom e desejável traduzir para uma língua vulgar? Muita

⁶ N.de T.: To translate is to invent, create, and often to betray – the source. Translation is a daring act, one that requires courage and faith, and women who write are especially attuned to writing as translation for not only must we translate our 'source/ but we must decide whether to translate into the dominant discourse, the accepted discourse of patriarchy, the 'androlect' or instead to venture forth into another language that seems to have to be transcribed as we go.

⁷ “*Traverse*”, *Tessera*, vol. 6, p. 9.

⁸ *Re-Belle et Infidèle*, p. 12.

tinta se gastará com essa questão, que estará no centro de várias querelas que se prolongarão até meados do século XVI. O debate acerca da tradução e do advento da literatura nacional se cristalizará, então, em torno do manifesto de Joachim du Bellay, *Deffence et illustration de la langue francoyse* (1549).

João, o Bom (1319-1364), por suas numerosas encomendas de tradução, inaugura uma verdadeira política de tradução que seu sucessor, Carlos V “o Sábio” (1337-1380), continuará a aplicar. Esses reis se cercam de consultores-tradutores e os encarregam de “traduzir para o bem comum”. Nicole Oresme (1320-1382) confirma a intenção dos dirigentes quando escreve: “há muitas pessoas de língua francesa que têm grande compreensão e excelente desenvoltura com ela, mas que não entendem suficientemente o latim, por isso os valorosos reis da França têm feito com que alguns livros sejam traduzidos para o francês”⁹.¹⁰

No prólogo de sua tradução da *Ética* de Aristóteles, Oresme¹¹, arvorando-se de portavoz oficioso de Carlos V, reafirma a política linguística do rei ao mesmo tempo que a legitimidade da tradução: “traduzir tais livros para o francês e trazer para o francês artes e ciências é um trabalho altamente proveitoso, pois é uma linguagem nobre e comum a pessoas de grande destreza e prudência”¹². Em sua argumentação a favor do francês, o tradutor lembra que, no passado, “era bom traduzir as ciências do grego para o latim”¹³ e que, agora, o francês, por sua vez, pode traduzir o latim. Os tradutores buscam, portanto, elevar o francês a um nível de língua que possa acolher as *auctoritates*, dotando o idioma francês do registro de “língua erudita”, que era então só atribuído ao latim. No contexto medieval, a ação de traduzir para a língua vulgar aparece como uma ruptura na base da qual existe uma dupla vontade: “a vontade do rei de poder ler na sua língua os grandes textos latinos e a vontade do tradutor de forçar a língua vernácula a adquirir um registro de expressão completamente novo”¹⁴. Legitimando a prática das traduções para o francês, o rei aumenta dessa forma o seu poder, pois as traduções lhe fornecem as “armas de argumentação”, um “suporte ideológico”¹⁵. Ao fazer isso, ele retira do clero uma parte do seu poder. A tradução assume, nesse contexto, o valor de um gesto eminentemente político.

⁹ N.de T.: “sont plusieurs gens de langue françoise qui sont de grant entendement et de excelleent enging et qui n’entendent pas souffisanment latin, et pour ce les vaillants roys de France ont fait aucuns livres translater en françois”.

¹⁰ Citado por Jacques Monfrin, “Humanisme et traduction au Moyen Âge”, p. 229.

¹¹ *Ibid.*, p. 231-232.

¹² N.de T.: “translater telz livres em françois et baillier em françois les arts et les sciences est un labour moult proffitable, car c’est un langage noble et commun a genz de grant engin et de bonne prudence”.

¹³ N.de T.: “c’estait bien de translater les sciences de grec en latin”.

¹⁴ Serge Lusignan, *Parler vulgairement*, p. 140.

¹⁵ *Ibid.*, p. 134.

As tradutoras feministas buscam, da mesma forma, estabelecer uma legitimidade: a da voz feminina em relação ao discurso “patriarcal”. Susanne de Lotbinière-Harwood expôs muito claramente esse projeto coletivo em seu livro *Re-Belle et Infidèle*, um verdadeiro manifesto, cujo espírito lembra o de Du Bellay:

[...] a tradução como prática de reescritura no feminino põe as cartas na mesa desde o início. Seu projeto é inserir a consciência feminista na atividade tradutória. Como a escrita feminina, da qual é tributária, a tradução feminina se apresenta como uma atividade política que visa fazer com que as mulheres apareçam e tenham vida na linguagem e no mundo.¹⁶

Esse ambicioso projeto sociopolítico-linguístico está orientado para o estabelecimento de uma cultura feminina no sentido mais amplo do termo. Ele se expressa concretamente pela emancipação frente ao discurso dominante, de ordem simbólica patriarcal, que tende a ocultar o feminino. Também se materializa na denúncia da exclusão das mulheres na língua, que oculta sua presença como o chador esconde o rosto das mulheres muçulmanas. É um esforço para reinvestir a sensibilidade feminina, a visão feminina no discurso literário e no cotidiano. O feminismo, que François Ricard considera como “a grande ideologia da época”¹⁷, é um filtro que fornece uma leitura particular da realidade.

As tradutoras feministas reivindicam o direito de tomar a palavra, de criar sentido destacando o caráter “androcêntrico” da língua. Parafraseando o título do livro de Patricia Smart, elas têm a difícil experiência de *traduzir na casa do pai*, ou seja, de tecer a identidade da mulher na linguagem, de retomar a posse das palavras, de registrar o corpo no dizer. Para isso, elas exploram os deslocamentos de sentido que a passagem da escrita à tradução (reescrita) permite, elas se autorizam múltiplas transgressões, instauram uma nova práxis da língua. Produzem um sentido novo por meio de sutis manipulações textuais. Enquanto os tradutores da Idade Média trabalhavam para dotar a língua francesa de um registro erudito, as tradutoras feministas procuram, por sua vez, dotar a língua contemporânea de um registro especificamente feminino. Sobre sua tradução da obra de Nicole Brossard (*La Lettre aérienne*), Marlene Wildeman¹⁸ escreve: “Talvez o grande desafio de tradução tenha surgido do fato de que *La Lettre aérienne* re-crie, de forma poética, a consciência feminista lésbica por meio de uma linguagem (patriarcal) que lhe é estranha”¹⁹.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 11.

¹⁷ *La Génération lyrique*, p. 205.

¹⁸ “Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act”, p. 32-33.

¹⁹ N. de T.: “Perhaps the greatest translation challenge arose from the fact that *The Aerial Letter* re-creates, poetically, lesbian feminist consciousness in a (patriarchal) language foreign to it”.

Trata-se de uma prática emancipatória que se situa no oposto da *mimesis*. O texto original não é reproduzido segundo as regras clássicas e ortodoxas de busca de equivalências de mesmo peso semântico, mas ele se torna um “pré-texto” (pretexto) para outro discurso²⁰ que se quer semelhante e diferente. Nesse texto feito refém, o sujeito tradutor está presente de forma explícita e nele afirma valores femininos e feministas. Nessa perspectiva, traduzir torna-se “o ato de uma subjetividade que trabalha em um contexto sociopolítico específico. O *eu* que traduz inscreve seu saber, suas escolhas, suas intenções, suas convicções no texto que se reescreve. A tradução pode, portanto, ser uma verdadeira ferramenta política”²¹. A nova grade de leitura proposta por essas tradutoras engajadas apresenta realidades escondidas pelas e nas palavras. As traduções tornam-se portadoras do pensamento feminista e as tradutoras, co-criadoras da obra traduzida. A obra original é considerada perfectível, ou pelo menos remodelável, como pensavam também os tradutores da Idade Média.

Não se pode deixar de ver na expressão “tradutora feminista” uma espécie de aparente contradição entre os termos, um oxímoro porque, por definição (por tradição?) um tradutor é privado do direito à palavra (quando ele reexprime a do autor), enquanto uma feminista é, por definição, uma militante que toma a palavra a fim de dar voz às mulheres. A tradutora feminista arroga a si mesma, então, o direito de estreitar ou mesmo suprimir a lacuna que existe entre a língua “materna” e a “língua do pai” em uma vasta e difícil operação de “*transformance*”²².

Em suma, as tradutoras feministas conduzem o combate pela legitimidade em muitas frentes simultaneamente: no plano político (rompendo a hegemonia da linguagem patriarcal²³), na militância feminista (afirmando o lugar que pertence à mulher na sociedade e denunciando todos os códigos e convenções que a mantêm em estado de dependência), no nível ético (a tradutora se define como coautora, sai da sombra, se libera da capa do anonimato). Assim como as feministas exigem igualdade de direitos em todas as áreas da vida social, as tradutoras engajadas exigem direito de palavra idêntico àquele do qual goza o (a)

²⁰ “Como primeira leitora do texto, vindo de uma outra cultura, devo me afastar desta para me inserir na cultura de chegada” [As first reader of the text, reader from a foreign culture, I must abscond with it, hijack it into my own]. Barbara Godard “The Translator as Ventriloquist”, p. 36.

²¹ Susanne de Lotbinière-Harwood, *op. cit.*, p. 27.

²² “*Transformance* é também o título coletivo do projeto de re/escrita (tradução) em que Nicole Brossard trabalhou em conjunto com Daphne Marlatt. As atividades de *transformance* de Brossard constituem um modelo para o discurso/tradução feminista nas suas ações de re/leitura e de re/escrita, em seu dialogismo” [Transformance is also the collective title for the re/writing (translation) project in which Nicole Brossard has been involved with Daphne Marlatt. Brossard’s activities of transformance stand as a model for feminist discourse/translation in its actions to re/reading and re/writing, its dialogism]. “Theorizing Feminist Discourse/Translation”, p. 46.

²³ Organismos públicos e empresas privadas já têm adotado políticas em matéria de feminização. As redatoras e os redatores a seu serviço devem aplicá-las.

autor (a) dos textos originais traduzidos. Elas instauram uma nova dinâmica autora-tradutora e redefinem a noção de fidelidade na tradução. Elas se esforçam para tornar explícito o que está implícito, para escrever “o inédito”, a palavra preferida de Nicole Brossard.

Parece evidente que, ao elaborar e praticar abordagens criativas não tradicionais, ao tornar sua presença perceptível nos textos e ao desafiar seus autores, as tradutoras feministas, no Canadá, estão transformando algumas destas visões tradicionais, bem como a habitual posição “missionária” atribuída à tradução^{24, 25}.

3. Esquemas e didatismo nos prefácios

Os prefácios dos tradutores cumprem várias funções, mas pode-se dizer depois de Sherry Simon que, de maneira geral, “um prefácio bem-sucedido traz à tona as complexas ligações entre a língua, a cultura e o destino singular que se almeja para a obra literária^{26, 27}. Como a obra original deve ser, normalmente, suficiente em si mesma, os prefácios, têm sempre um caráter didático.

A Idade Média é um dos períodos da história da tradução no qual o papel de vulgarizador e educador desempenhado pelos tradutores é mais evidente. “Inevitavelmente, a função de servir a um público iletrado implicava, a princípio, um nível de didatismo, e a concepção da tradução como uma atividade didática nunca foi tão apropriada^{28, 29}. Os tradutores dessa época usam costumeiramente as possibilidades que lhes oferecem os prólogos, os “proêmios”, os prefácios e as notas para acrescentar aos textos originais um suplemento de informação. As tradutoras contemporâneas também fazem grande uso desses elementos peritextuais. O “desvio” que consiste em se apropriar do texto original e colocá-lo a serviço da ideologia feminista é acompanhado, como era de se esperar, de uma utilização generosa de prefácios, notas ou introduções. “As reflexões acerca de seu trabalho em prefácios, assim como o destaque de sua presença ativa no texto através de notas de rodapé,

²⁴ N. de T.: “It seems evident that in devising and practicing creative non-traditional approaches to translation, making their presence felt in the texts and challenging their authors, feminist translators in Canada are making changes to some of these traditional views and the habitual “missionary” position assigned to translation”.

²⁵ Luise von Flotow, “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories”, p. 69.

²⁶ N. de T.: [...] a successful preface draws out the complex links between language, culture and the particular destiny that is desired for the literary work.

²⁷ *Mapping Literature*, p. 53.

²⁸ N. de T.: “Inevitably the function of servicing an unlettered public implied at first a degree of didacticism, and the conception of translation as a teaching activity was never more apt”.

²⁹ Jeanette Beer, *op. cit.*, p. 1.

passaram a ser atividades constantes na rotina das tradutoras feministas^{30,31}. Sua adesão à ideologia feminista as leva naturalmente a se transformar em educadoras.

É impressionante constatar como os prefácios assinados pelos tradutores da Idade Média e os das tradutoras modernas se parecem. Além das analogias formais ligadas ao gênero do prefácio, as aproximações de conteúdo se impõem. Os prefácios têm em comum o fato de se desenvolverem segundo um esquema análogo. Elas descrevem as principais dificuldades de tradução encontradas na interpretação ou na restauração do texto original, incluem aproximações a fatos contemporâneos ou a outros escritos e dão indicações sobre o escopo das obras traduzidas e como lê-las. Vejamos exemplos de cada um desses pontos.

Esquema

Serge Lusignan mostrou que os prefácios dos tradutores medievais se desenvolveram segundo um padrão bastante fixo³², que é o seguinte:

- a) O patrono teria insistido muito ao tradutor para que ele se encarregasse do trabalho.
- b) O tradutor hesita, pois não se sente à altura da tarefa.
- c) Ele resiste a rogos e propostas de gratificações.
- d) Elogia os méritos do patrono e da obra.
- e) Apesar da fragilidade de seus meios, ele acaba por aceitar a tarefa.
- f) O tradutor se diz honrado de realizar um trabalho útil para o rei ou seu senhor.
- g) Por último, mas não menos importante, ele não deixa de fazer referência às dificuldades que encontrou. Uma dupla razão o motiva a agir assim:
 - i) responder com antecedência a quaisquer detratores;
 - ii) solicitar a indulgência de seus leitores.

Os prefácios das tradutoras feministas contêm uma sequência de “temas” comparáveis. Aquele com o qual Marlene Wildeman adorna sua tradução (*La Lettre aérienne*, de Nicole Brossard) corresponde quase ponto por ponto ao esquema apresentado acima:

- a) Pedem-lhe uma tradução: “Maureen FitzGerald, editora executiva da The Women's Press, perguntou-me se gostaria de traduzir *La Lettre aérienne*”³³.

³⁰ N. de T.: “It is becoming almost routine for feminist translators to reflect on their work in a preface, and to stress their active presence in the text in footnotes”.

³¹ Luise von Flotow, *op. cit.*, p. 76.

³² *Op. cit.*, p. 131-132.

³³ N. de T.: “Maureen FitzGerald, managing editor at The Women's Press, asked me if I would like to translate *La Lettre aérienne*”; “from the outset, the “specific” task proved to be constantly challenged by various practical and ethical questions” / “Brossard's work is not by nature accessible”; [...] whether [...] I would be able to get

- b) Ela mostra a dificuldade do empreendimento: “desde o início, houve indícios constantes de que a tarefa “específica” era desafiada por várias questões práticas e éticas” / “O trabalho de Brossard não é, por natureza, acessível”.
- c) Ela duvida por um instante de sua capacidade: “se [...] seria capaz de obter esta visão aérea (recolhida) do solo”.
- d) Apesar da dificuldade da tarefa, ela aceita, levando em conta a importância da obra: “Estava consciente de que a tradução de *La Lettre* teria um enorme impacto nas escritoras lésbicas e nas escritoras feministas”.
- e) Ela se diz honrada por ter sido solicitada a realizar este trabalho: “Eu me senti honrada por ter sido solicitada a realizar tal tarefa”.
- f) Ela antecipa as críticas de seus eventuais detratores, mostrando que está bem ciente dos “dilemas de tradução que colocavam questões éticas”.
- g) Ela solicita a indulgência dos leitores levantando várias questões como esta: “Será a tradutora alguma vez perdoada por ter abandonado, temporariamente, a metáfora de sustentação de um dado fragmento pelo interesse da continuidade na língua alvo?”.

A tradução de Howard Scott da obra *Antre* de Madeleine Gagnon tem um prefácio cujo conteúdo é quase idêntico ao de Marlene Wildeman.

- a) O tradutor hesita em lidar com a tradução de uma obra feminista, principalmente por ser homem.
“Eu me perguntava se deveria, como homem, tentar traduzir uma escrita tão baseada na subversão do discurso masculino tradicional”³⁴.
- b) Ele aceita, no entanto, a oferta de traduzir *Antre*.
“quando Maïr Verthuy [...] sugeriu que eu traduzisse *Antre* aceitei o desafio”.
- c) Ele se desculpa antecipadamente ao autor e aos leitores pelas imperfeições de seu trabalho.
“Peço desculpas a Madeleine e ao leitor(a) por cada vez que minha tradução fique aquém das expectativas, seja porque sou um homem, seja porque qualquer outra razão”.

this (collected) aerial vision off the ground; I felt honoured to have been asked to deliver it; [...] translation dilemmas which posed ethical questions; Is the translator ever forgiven for having temporarily abandoned the sustaining metaphor of a given fragment in the interest of continuity in the target language?”

³⁴ N. de T.: “I wondered if it was my place, as a man, to try to translate writing based so much on the subversion of traditional masculine discourse; when Maïr Verthuy [...] suggested I translate *Antre*, I took up the challenge; I apologize to Madeleine and the reader for every time my translation falls short, either because I am a man, or for whatever other reason

d) Ele confia ter feito o melhor, apesar das enormes dificuldades que teve de superar.

“Fiz o meu melhor para fazer justiça a ela [*Antre*] e a eles [os leitores]”³⁵.

e) Ele expõe certas dificuldades espinhosas de tradução.

“Este tipo de escrita apresenta problemas especiais para o tradutor. Gostaria de discutir brevemente duas destas dificuldades que encontrei em *Antre*”.

f) Ele se declara o único responsável pela tradução, mesmo que sua leitura da obra tenha recebido o aval da autora.

“Sou o único responsável pela versão final desta tradução [...]. Minha re-leitura de *Antre* foi partilhada com Madeleine”.

Descrição das dificuldades

Além de todos os casos concretos analisados pelos tradutores medievais e tradutoras feministas em seus prefácios e notas, pode-se dizer que esses dois grupos de artesãos da tradução têm uma consciência particularmente aguda dos problemas de ordem linguística. Sua relação com a língua é problemática. Para os primeiros, são as estruturas sintéticas do latim e a pobreza do léxico do francês erudito que representam os obstáculos mais espinhosos de superar. “Nenhuma época esteve mais próxima, ou mais consciente, dos problemas linguísticos envolvidos na transformação da estrutura sintética do latim nos padrões analíticos do romance^{36,37}. A maioria dos tradutores se espanta com a impossibilidade de traduzir literalmente o latim, “suas construções [sendo] tão entrecortadas e tão breves, tão suspensivas e de tão estranhas palavras³⁸”. Eles poderiam ter feito suas as seguintes palavras de Laurent de Premierfait: “...o que parecer muito breve eu alongarei, expondo em palavras e sentenças^{39,40}”.

A linguagem patriarcal não coloca menos obstáculos às tradutoras feministas que, caçando estereótipos sexistas veiculados pela língua, também sentem a necessidade de mencionar as estratégias implementadas em suas traduções a fim de *tirar o espartilho* da

³⁵ N. de T.: “I have done my best to do justice to it [*Antre*] and to them [the readers]; This kind of writing presents special problems for the translator. I would like to briefly discuss two of those difficulties I encountered in *Antre*; I am solely responsible for the final version of this translation [...]. My re-reading of *Antre* was shared with Madeleine”.

³⁶ N. de T.: No age was closer to, or more aware of, the linguistic problems involved in transforming Latin's synthetic structure into the analytic patterns of Romance.

³⁷ Jeanette Beer, *op. cit.*, p. 3.

³⁸ N. de T.: [...] les constructions d'icellui [étant] si trenchies et si briefes, si suspensives et de si estranges mos.

³⁹ N. de T.: [...] ce qui semble trop brief je le allongeray, en exposant par mots et par sentences.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 37.

língua. Essa linguagem, considerada fundamentalmente misógina, elas a atacam, desconstroem, contornam suas formas sexistas, desvalorizadoras e desdenhosas para as mulheres. Por meio de suas explicações e comentários, elas revelam sua concepção de tradução e as regras que as guiaram em seu trabalho de reescrita na língua de chegada.

Foi também por uma questão didática que Pierre Bersuire precedeu a tradução das *Décades* de Tite-Live com um léxico de setenta novas palavras que teve de criar para compensar a escassez de recursos lexicais do francês de então. Seu exemplo será imitado por outros tradutores, incluindo Jean Daunin e Nicole Oresme. Da mesma forma, é frequente em seus prefácios que as tradutoras de hoje justifiquem os neologismos e outras criações discursivas que inventam com o objetivo declarado de romper nossos hábitos de leitura e de se esquivar do masculino gramatical para dar conta da experiência feminina por meio da linguagem patriarcal.

A intertextualidade

Os tradutores do período medieval não deixaram de fazer aproximações a fatos que lhe eram contemporâneos ou de adicionar ao texto original exemplos extraídos de sua cultura livresca ou de sua experiência pessoal. Assim, Simon de Hesdin (século XIV) sente a necessidade de explicar ao seu leitor o que é um “sestércio”: “Sestércio era um certo valor monetário como seria, em nosso modo, comum uma libra de Paris ou de Tournois, mas não sabemos exatamente o quanto ela valia, porque as moedas, os pesos e os valores são muito variados desde o tempo de Valerius até o presente^{41,42}. Daremos vários outros exemplos, no ponto cinco abaixo, desse traço característico das traduções da época.

As tradutoras feministas também praticam abundantemente a intertextualidade, multiplicando as referências aos escritos feministas. Susanne de Lotbinière-Harwood, por exemplo, pontua sua tradução de *Letters From An Other* com 135 notas. O texto impresso tem 143 páginas, isso representa quase uma intervenção por página, em média. Essas notas são de naturezas diversas: enciclopédicas, tradutórias, linguísticas, culturais, históricas, sociológicas, ideológicas. E como se isso não fosse suficiente, também há um prefácio de Sherry Simon e uma introdução do tradutor.

⁴¹ “Sexterce estoit certaine valeurde monnoie comme seroit en nostre commune maniere une livre de Paris ou de Tournois, mais nous ne savons mie certainent qu’elle valoit pourceque les monnoyes, les pois et les valeurs sont trop variés de les temps Valerius jusque a present.”

⁴² Citado por Giuseppe di Stefano, *Essais sur le moyen français*, p. 58, note 26.

[...] as notas da tradutora, escreve a ativista Susanne de Lotbinière-Harwood, entram na composição do intertexto feminista. Elas atestam a amplitude e a riqueza da produção literária das mulheres. O mesmo vale para os prefácios, que são igualmente uma boa forma de levar o público leitor a melhor compreender e apreciar a tradução.⁴³

Artigos publicados em diversas revistas dão continuidade à reflexão iniciada nos prefácios e tratam dos mesmos temas.

Âmbito da obra traduzida

Verdadeiros preceptores dos reis, os tradutores da Idade Média usam seus prefácios para especificar a perspectiva aconselhável de se ler os textos antigos. A leitura de obras provenientes da civilização greco-romana deve fornecer, ao rei e aos senhores que as encomendaram, modelos a imitar. Os tradutores tomam a liberdade de alertar os dirigentes do reino contra os erros cometidos por um Alexandre ou um César, que não souberam frear suas ambições e caíram em excesso.

As tradutoras contemporâneas não agem de outra forma. Seus textos introdutórios enfatizam o escopo feminista das obras (originais e traduzidas) e indicam ao leitor com que espírito deve-se lê-las. No prefácio que escreve para apresentar sua tradução de *Amantes*, Barbara Godard informa o leitor sobre o sentido da obra de Nicole Brossard e lhe dá indicações sobre a forma de lê-la e compreendê-la. Ela faz o mesmo com sua tradução da obra de France Théoret, *Le Mot tangible*. Essa prática é comum entre todas as tradutoras feministas. Todas essas indicações sobre o sentido das obras traduzidas não surgem apenas de preocupações de ordem literária. Elas são também e sobretudo manifestações concretas de um ativismo feminista que leva espontaneamente as tradutoras a amplificar o aspecto didático de seu trabalho. “[...] uma tradução feminista torna-se uma ferramenta educacional apoiada pela investigação acadêmica^{44,45}, constata Luise von Flotow.

Além disso, quase invariavelmente, a obra traduzida é apresentada como uma *tradução feminista*. Desde o início da partida, a tradutora anuncia suas cores. Susanne de Lotbinière-Harwood escreve no início da introdução que precede sua tradução de *Lettres d'une autre* (Lise Gauvin) “Apenas algumas palavras para que saibam que esta tradução é uma *reescrita*

⁴³ *Re-Belle et Infidèle*, p. 46-47.

⁴⁴ N. de T.: [...] a feminist translation becomes an educational tool supported with scholarly research.

⁴⁵ *Op. cit.*, p. 77.

no *feminino* daquilo que originalmente li em francês^{46,47}. Por sua vez, Marlene Wildeman, que se define como “uma escritora e tradutora feminista canadense”, afirma:

Quando comecei a traduzir este livro me descobri em uma posição muito privilegiada com uma tarefa específica em mãos e com obrigações feministas claras: traduzir *La Lettre aérienne* de Nicole Brossard para leitoras feministas inglesas e, neste processo, engendrar uma certa perspectiva feminista lésbica inglesa em Nicole Brossard, [...] ^{48,49}.

4. Intervenções na língua

“Uma língua é uma prisão. Possuí-la é ampliá-la um pouco”⁵⁰. Esta reflexão do escritor e tradutor quebequense, Pierre Baillargeon, se aplica bem aos dois grupos de tradutores de que nos ocupamos aqui. Os tradutores medievais, como vimos, têm consciência das enormes diferenças que separam os meios de expressão do latim daqueles do francês da época. Eles têm que passá-los de uma língua literária plenamente constituída (latim) para uma língua ainda pobre e em vias de adquirir maturidade no plano da escrita. “Para os tradutores, tratava-se não somente de traduzir, mas de *criar* até certo ponto a língua-alvo em que iriam incrustar a obra latina. Eles operam na língua tanto quanto no texto”⁵¹. O ato de traduzir na época medieval é um esforço gigantesco para dotar o francês de todos os meios de expressão, de todos os registros de uma grande língua de civilização. Para passar “do forte latim” ao “claro e audível romance”, segundo a expressão frequentemente citada de Simon de Hesdin⁵², os tradutores medievais não hesitaram em usar vários meios: calco, empréstimo, perífrase, etc. Eles também enriqueceram a língua com uma infinidade de neologismos, contribuindo assim para tornar o francês apto para lidar com abstrações. Eles foram os artesãos do relaxamento da sintaxe francesa. O léxico de Pierre Bersuire, evocado mais acima, contém várias criações neológicas que hoje em dia são de uso corrente: “*augure*”, “*circus*”, “*expié*”, “*transfuge*”, “*fonction*”, “*sénat*”, “*triomphe*” [“agouro”, “circo”, “expiado”, “trânsfuga”, “função”, “senado”, “triumfo”]. De sua parte, Nicole Oresme teria introduzido na língua francesa nada

⁴⁶ N. de T.: Just a few words to let you know that this translation is a rewriting in the feminine of what I originally read in French.

⁴⁷ *Letters From An Other*, p. 9. Grifo nosso.

⁴⁸ N. de T.: [...] a Canadian feminist writer and translator [...]. When I began translating this book I found myself in a very privileged position with a specific task at hand and clear feminist obligations: translate Nicole Brassard's *La Lettre aérienne* for English feminist readers, and in the process, create a certain English lesbian feminist perspective on Nicole Brossard, [...].

⁴⁹ *The Aerial Letter*, “Translator's Introduction”, p. 27. Grifo nosso.

⁵⁰ Pierre Baillargeon, *Commerce*, p. 131.

⁵¹ Serge Lusignan, *op.cit.*, p. 149. Grifo nosso.

⁵² Citado por Paul A. Horguelin, *op. cit.*, p. 36.

menos que 450 palavras novas, segundo Robert Taylor⁵³. Esse número leva em conta apenas os neologismos ainda presentes na França contemporânea: “*anarchie*” [anarquia], “*architecte*” [arquiteto], “*comédie*” [comédia], “*législatif*” [legislativo], “*pédagogue*” [pedagogo], “*agent*” [agente], “*réflexion*” [reflexão], “*total*” [total]. “Muitas palavras [foram] forjadas na bigorna da tradução medieval”⁵⁴.

Essa modelagem da linguagem também leva os tradutores a distinguir as nuances de sentido entre dois termos. A duplicação de palavras era um procedimento comum para tornar mais preciso o sentido de um termo novo ou técnico: “o preço e a soma da compra”, “segundo a maneira e os costumes do país”, “ambular ou ir”⁵⁵. Por meio dessas duplicações, que permanecerão na língua até o século XVI, o tradutor manifesta sua preocupação em ser compreendido. Essas estratégias de tradução fizeram um extraordinário trabalho de preparação da língua que abriu caminho para o francês clássico.

A remodelação do léxico e das formas discursivas a que se dedicam as feministas em geral e as tradutoras fiéis ao feminismo, em particular, procede de uma abordagem inteiramente comparável à dos tradutores do passado. “Inventividade, ludicidade, subversão tornam-se ferramentas da tradutora feminista, bem como da escritora feminista”^{56,57}. Diante das formas consideradas sexistas da língua, da mesma forma que os tradutores medievais em relação à grande “*briefté*” (concisão) do latim, as tradutoras buscam inventar uma nova língua que reflita explicitamente a presença ativa das mulheres na sociedade. Howard Scott expressou em termos muito claros a ação militante das feministas do Quebec por meio de suas intervenções na língua, e o que ele diz sobre os teóricos é igualmente válido para as tradutoras anglófonas de suas obras:

Elas trabalham as palavras de formas distintas, de formas subversivas, rompendo a linearidade do discurso convencional, desconstruindo a gramática, sabotando o simbolismo do patriarcado, despojando as palavras de seus significados nus e abrindo caminho para que a língua possa dizer o não dito e o não dizível na linguagem do patriarcado. Através dessas transgressões linguísticas, expandem o espaço cultural para dar mais espaço à expressão da mulher^{58,59}.

⁵³ “Les néologismes chez Nicole Oresme, traducteur du XIVe siècle”.

⁵⁴ Serge Lusignan, *op. cit.*, p. 165.

⁵⁵ N. de T.: “le pris et la somme de rachat”, “selon la manière et coutume du país”, “en une ambulation ou aler”.

⁵⁶ N. de T.: Inventiveness, playfulness, subversion become the tools of the feminist translator as well as of the feminist writer.

⁵⁷ Kathy Mezei, *op. cit.*, p. 10.

⁵⁸ N. de T.: They work words in different ways, in subversive ways, disrupting the linearity of conventional discourse, deconstructing grammar, sabotaging the symbolism of patriarchy, stripping words to their bare meanings and breaking open language to let it say what is unsaid and unsayable in the language of patriarchy. Through these linguistic transgressions, they expand cultural space to liberate territory for women's expression.

As estratégias de escrita e tradução aplicadas pelas feministas são tão numerosas quanto aquelas implementadas por seus distantes antecessores. As tradutoras fazem autópsia das palavras, examinam sua etimologia a fim de desconstruí-las. Isolar um prefixo de seu radical é uma prática comum entre elas. Sem contar os neologismos criados na esteira do movimento feminista, em particular no campo da designação de funções, ofícios ou profissões. Basta mencionar *spokesperson* [porta-voz], *salesperson* [vendedor], *chairperson* [presidente], *businessperson* [empresário], *Ms* [senhora], etc., e, para o francês, “*écrivaine*” [escritora], “*factrice*” [carteira], “*agente*” [agente], “*chefe*” [“chefa”], “*pompière*” [bombeira], “*professeure*” [professora], etc. No campo da estética literária, a criação neológica às vezes dá lugar a descobertas surpreendentes: *lovhers* (*lovers* [amantes] – B. Godard), *herstory* (*history*) [história], *outsid(h)ers* [forasteiras], “*ellogiquement*” ou “*il-logique*” (S. de Lotbinière-Harwood), “*scribelle*” (feminino de escriba – N. Brossard). As feministas também reintroduziram palavras caídas em desuso como “*cyprine*”, um termo para a lubrificação vaginal. A duplicação de certos pronomes ou possessivos (*ceux* [aqueles] e *celles* [aquelas], *his/her* [dele/dela], *she/he* [ele/ela]), de certos títulos de função ou profissão (*directeur/directrice* [diretor/diretora], *avocat/avocate* [advogado/advogada]), de certos coletivos (*les étudiants* [os estudantes] e *les étudiantes* [as estudantes], *les citoyens* [os cidadãos] e *les citoyennes* [as cidadãs]) é semelhante aos dupletos de tradutores da Idade Média. Certos procedimentos tipográficos (negritos, parênteses, oblíquos) também são utilizados judiciosamente para destacar a dupla significação de certas palavras. Como fizeram seus predecessores Nicole Oresme, Jean de Meung e outros, as tradutoras feministas fazem minuciosas distinções de sentido. As palavras “*jouir*” [gozar, usufruir, desfrutar] e “*jouissance*” [gozo, prazer] revelam-se particularmente difíceis de traduzir para o inglês, pois não cobrem exatamente, ao que parece, o significado de *pleasure* [prazer]. Em suma, para dar um pouco mais de espaço à prisão que a língua constitui, os tradutores medievais e as tradutoras contemporâneas, operando tanto sobre a língua quanto sobre o discurso, implementaram estratégias bastante semelhantes: perífrases, neologismos, dupletos, empréstimos, etc. A uma similaridade dos fins perseguidos por ambos, corresponde uma similaridade dos meios.

⁵⁹ “Translator's Introduction”, em *Lair*, (Antre, Madeleine Gagnon), p. 6.

5. Visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução

Vimos que os tradutores medievais, bem como as tradutoras feministas, fazem sentir sua presença em suas traduções acompanhando-as de prefácios elaborados e notas. O leitor sente constantemente a ação do tradutor ou da tradutora entre ele e o autor. Isso é particularmente evidente entre os tradutores medievais que usaram amplamente glosas, comentários e interpolações. Eles ficavam perto de seus leitores, com os quais até falavam diretamente. Mathieu le Vilain (século XIII) apontou para Jean, Conde d'Eu, as dificuldades do texto que traduziu para ele. Inseriu em sua tradução comentários como: “Ora, parece, Senhor Conde, que esta palavra é contrária ao que ele havia dito antes... Mas isso não é aborrecimento. Pois...”⁶⁰⁶¹. Jean de Meung (c. 1250-1305), por sua vez, ornou sua tradução de Abélard e Héloïse com reflexões pessoais, algumas delas picantes. Às vezes ele aprova o que o autor diz: “Nota: jamais uma mulher falou com tamanha sabedoria”, em outras, cita um provérbio que lhe parece bem aplicável à situação: “E é de acordo com este dito: aquele que é o primeiro corno na cidade, é o último a saber”⁶². Acontece também de o tradutor aproximar o leitor ao autor: “Chipre, todos sabem o que é”⁶³. Desafiado por um problema de designação, o tradutor honestamente confessará sua impotência e declarará sua desistência. Simon de Hesdin, por exemplo, incorpora em sua tradução interpolações frequentes como as seguintes: “...o outro reino era chamado *siculum* em latim, o que não sei dizer em romance...”; “Os povos ou países nomeados por Orósio no décimo oitavo capítulo do quinto livro, por não saber propriamente traduzir em romance, nomeio-os da maneira como ele os nomeia...”; sobre a palavra *socer*, ele escreve: “para a qual não tenho um termo adequado em francês”⁶⁴. O tradutor, portanto, não se apaga totalmente diante do autor. Ele é um mediador aparente, uma espécie de apresentador, de comentador da obra antiga que traduz. Essa presença se manifesta também pelas informações de caráter enciclopédico que o tradutor acrescenta ao texto e por frequentes referências aos conhecimentos livrescos (intertextualidade)⁶⁵.

⁶⁰ N. de T.: “Or semble, sire comte, que ceste parole soit contraire à ce qu'il avoit dit devant... Mais ce n'est pas contrariété. Car.... ; onques [jamais] femme ne parla plus sagement ; Et ce s'accorde à ceste parole: qui premier est coux [cocu] en la ville, derrenier le scet; Cypre, chascun scet que c'est.”

⁶¹ Citado por Paul Chavy, “Les premiers translateurs français”, p. 560.

⁶² *Ibid.*, p. 561.

⁶³ Citado por Giuseppe di Stefano *op. cit.*, p. 66.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 52. Grifo nosso.

⁶⁵ Em seu próêmio”, Simon de Hesdin justifica suas intervenções nesses termos: “Valerius não podia ter memória de tudo e por isso eu quis inserir alguns exemplos que não estavam no livro, quando me pareceram próprios à matéria da qual Valerius trata [Valerius ne peut pas de tout avoir memoire et, pour ce, je veul à la fois mettre aucuns exemples qui ne sont point en ce livre, quant il me sembleront propres à la matiere duquel Valerius parle]”. Citado por Paul Chavy, *Traducteurs d'autrefois*, t. II, p. 1313.

As tradutoras também deixam numerosos traços de si mesmas em suas traduções. Elas não hesitam em alargar a lacuna que se mostra entre o texto original e sua versão traduzida. Susanne de Lotbinière-Harwood propõe inúmeros meios “para realizar um ato de presença no texto traduzido” e “colocar a sua voz em relação à do (a) autor (a)”⁶⁶. Os meios recomendados são amplamente postos em prática por todas as tradutoras feministas: duplete constituídos pelas formas masculina e feminina [*heroes and heroines*] [heróis e heroínas], parênteses [*while they (men)*] [enquanto eles (homens)], hífen [*Québécois-e*] [o/a quebequense], aspas [“*les hôtesse*”⁶⁷] [“as hospedeiras”], barras [*her/his; s/he*] [dela/dele; ela/e], etc.

A tradutora invade o texto de chegada com a sua presença e pelo próprio fato de ser uma presença feminina, empregando estratégias que não coincidem necessariamente com as aplicadas pela autora do texto de partida. Esses são traços ostensivos da “mão tradutora”. A tradutora sai das sombras. “A tradutora já não está mais silenciosa por detrás do texto”⁶⁸ A tradutora faz tudo para que o leitor não se esqueça de que tem uma tradução em mãos. Susanne de Lotbinière-Harwood previne isso explicitamente: “Você não poderá esquecer que isto é uma tradução”⁶⁹.

Os tradutores medievais e as tradutoras feministas se recusam a se apagar diante do autor, a não ser mais do que “fantasmas de plantão”. Eles e elas tomam a palavra e produzem o que se pode chamar de traduções-comentários, os primeiros com uma evidente preocupação de colocar obras antigas ao alcance de seus leitores, as segundas com o desejo de promover a ideologia feminista. Em um caso ou em outro, estamos longe do tímido “Em francês no texto. (N.T.)” que se permitem os tradutores literários modernos.

Por fim, os tradutores e tradutoras dessas duas épocas também estão presentes “visualmente” em seus textos. Os primeiros em iluminuras nas quais geralmente são representados ajoelhados diante do seu mecenas a quem endereçam suas traduções. As segundas são fotografadas na companhia do autor traduzido, às vezes sentado à mesma mesa de trabalho, onde vemos duas xícaras de café. A deferência dos primeiros para com o mecenas dá lugar entre nossas contemporâneas a uma postura mais igualitária, mais conforme à imagem que elas têm de si: a de coautoras da obra original.

Os textos de apresentação das autoras e de suas tradutoras que aparecem no final do volume ou na contracapa também são reveladores desse status igualitário: têm

⁶⁶ *Re-Belle et Infidèle*, p. 26. Grifo nosso.

⁶⁷ “...para ressaltar a inadequação da linguagem masculina padrão para falar no feminino [...to highlight the inadequacy of male-made language for speaking in the feminine]”, *Letters From An Other*, p. 12.

⁶⁸ Kathy Mezei, *op. cit.*, p. 10.

⁶⁹ *Letters From An Other*, p. 9.

aproximadamente o mesmo tamanho e trazem informações biobibliográficas tanto sobre a tradutora quanto sobre a autora. Mais uma vez, estamos longe da simples menção do nome do tradutor em letras miúdas na página de rosto das obras traduzidas, como é geralmente o caso.

Conclusão

A comparação que acabamos de realizar entre o modo de traduzir de duas épocas, distantes em mais de quinhentos anos, revela-nos que a maneira de traduzir é historicamente determinada. Os tradutores medievais estavam cientes de que estavam contribuindo para que o latim perdesse seu *status* dominante de língua erudita; as tradutoras feministas, por sua vez, põem em causa o “falar masculino” que oculta a presença do “segundo sexo”. Em ambos os casos, trata-se de quebrar um monopólio.

Para desempenhar este papel de mediador ativo, os tradutores e as tradutoras são levados a se colocarem com maior visibilidade, deixando de ser “quase abstrações”, “mãos invisíveis”, “vozes silenciosas” a serviço de um autor ou de uma autora.

Isso não acontece sem uma necessária apropriação do texto original, que se torna, em certa medida, o veículo de suas convicções pessoais. O resultado é uma acentuação do caráter didático de seu trabalho e um desejo manifesto de se aproximar do leitor, de guiar seus passos por um território ainda mal cartografado.

Os dois casos estudados não são os únicos exemplos de manobras para tomar a palavra por parte dos tradutores. A história da tradução nos fornece muitas outras. Por exemplo, sob o antigo regime comunista da URSS, “privados da possibilidade de se expressarem integralmente em uma obra original, os poetas russos [principalmente entre 1934 e 1956] falavam com o leitor através de Goethe, de Shakespeare, Orbéliani e Hugo”⁷⁰. E o que dizer dos tradutores quebequenses que, seguindo a corrente da nova dramaturgia, a ascensão do nacionalismo no Quebec e o advento de uma língua que se queria tipicamente “quebequense”, distinta da francesa, naturalizaram o teatro estrangeiro ao fazerem falar como quebequenses os personagens de Shakespeare, Tchekhov, O’Neill, Lorca, Brecht e Goldoni? Por meio de suas traduções, os adaptadores se ocuparam de proclamar o fato quebequense em vez de servir à obra estrangeira⁷¹.

⁷⁰ Efim Etkind, *Dissident malgré lui*, p. 50. Essa frase rendeu ao seu autor, teórico da tradução e renomado tradutor de poesia, a dispensa de suas funções, a perda de seus títulos acadêmicos e a expulsão do sindicato dos escritores soviéticos.

⁷¹ Conforme o ensaio de Annie Brisset, *Sociocritique de la traduction*, coleção “L’Univers des discours”, Montréal, Le Préambule/Balzac, 1990, 347 p.

Desvios desse tipo exigem uma cumplicidade. Isso foi estabelecido na Idade Média entre o tradutor e o leitor, e hoje entre a tradutora, o leitor e as autoras traduzidas. Estas últimas também colaboram nas traduções e dão seu aval às posições militantes de suas tradutoras, com as quais estão unidas na mesma luta. “Em tais traduções, a natureza da relação entre tradutor e escritor é a de cumplicidade, quando a tradução se torna não apenas criação, mas também subversão^{72,73}”.

Por fim, a maneira de traduzir que descrevemos oferece um bom exemplo do casamento entre a teoria e a prática da tradução. Os obstáculos a serem superados levam constantemente os tradutores e as tradutoras a refletirem sobre soluções e a basearem suas escolhas em um conjunto coerente de princípios, regras e procedimentos de tradução. Essas reflexões advindas da prática, por sua vez, enriquecem a teoria da tradução, assim como os neologismos dos tradutores medievais fecundaram a linguagem e enriqueceram seu vocabulário com universais⁷⁴. As tradutoras que ousam falar e compor seus trabalhos com prefácios, notas e comentários sobre a arte da leitura e sobre esta forma particular de reescrever que é a tradução obrigam-nos a questionarmo-nos sobre a substância do sentido e sobre as noções de fidelidade, transparência e equivalência de dois textos. A forma como concebem a fidelidade coincide com as teorias contemporâneas da tradução, que não veem mais a busca de equivalências na tradução como uma busca de identidade. Ao praticar a tradução-apropriação, a tradutora realiza uma operação de remodelação da obra original. Arroga-se, com o consentimento da autora, as prerrogativas desta. O resultado é um trabalho ao mesmo tempo semelhante e diferente. A nova obra engloba e “esconde” o original. Ao forçarem a reintrodução da subjetividade no ato de traduzir, as tradutoras feministas estão definindo uma nova ética da tradução. Mas essa é realmente uma nova ética? Os tradutores franceses já não a praticavam na época dos construtores de catedrais?

Referências

BAILLARGEON, Pierre. **Commerce**. Montreal: Les Éditions Variétés, 1947.

⁷² N. de T.: Complicity is the nature of the relationship between translator and writer in such translations, when translation becomes creation but also subversion.

⁷³ Barbara Godard, “The Translator as Ventriloquist”, p. 36. Susanne de Lotbinière-Harwood escreve: “É essencial trabalhar com a autora na preparação do manuscrito da tradução. Isso é parte integrante do processo. Além de desenvolver uma ativa cumplicidade literária entre mulheres, essa colaboração ocasiona frequentemente descobertas ao mesmo tempo e inesperadas e extraordinárias” *Re-Belle et Infidèle*, p. 71.

⁷⁴ Conforme Georges Mounin, *Les Problèmes théoriques de la traduction*, capítulo XII, “Les universaux du langage”, p. 191-223.

- BEER, Jeanette (Org.). **Medieval Translators and their Craft. "Studies in Medieval Culture"**, vol. XXV. Kalamazoo: Medieval Institute Publications.
- BERSIANIK, Louky. **L'Euguélonne**. Montreal: Éditions La Presse, 1976.
- BRISSET, Annie. **Sociocritique de la traduction. Théâtre et altérité au Québec (1968-1988)**. Montreal: Le Préambule/Balzac, 1990.
- BROSSARD, Nicole. **L'Amèr ou le chapitre effrité**. Montreal: Éditions Quinze, 1977.
- BROSSARD, Nicole. **La Lettre aérienne**. Montreal: Les Éditions du Remue-Ménage, 1985.
- CHAVY, Paul. Les premiers traducteurs français. **The French Review**, 1974, vol.47, n. 3, p. 557-565.
- CHAVY, Paul. Domaines et fonctions des traductions françaises à l'aube de la Renaissance. **Revue de littérature comparée**. 1989, n. 250, p. 147-153.
- CHAVY, Paul. Les traducteurs humanistes au début de la Renaissance française: traductions médiévales, traductions modernes. **Revue canadienne de littérature comparée**, 1981, vol. 8, n. 2, p. 284-306.
- CHAVY, Paul. **Traducteurs d'autrefois. Moyen Âge et Renaissance. Dictionnaire des traducteurs et de la littérature traduite en ancien et moyen français (842-1600)**. Vol. I e II. Paris/Genève: Éditions Champion-Slatkine, 1988.
- DI STEFANO, Giuseppe. **Essais sur le moyen français**. Padoue: Liviana Editrice, 1977.
- DU BELLAY, Joachim. **Deffence et illustration de la langue francoyse, édition critique publiée par Henri Chamard**. Paris: Éditions Didier, 1966.
- ETKIND, Efim. **Dissident malgré lui**. Tradução de Monique Slodzian. Paris: Éditions Albin Michel, 1977.
- FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. **TTR**, vol. 4, n. 2, 1991, p. 69-84.
- GAUVIN, Lise. **Lettres d'une autre**. Montreal: Éditions L'Hexagone, 1987.
- GAUVIN, Lise. **Letters From An Other**, Tradução de Susanne de Lotbinière-Harwood. Toronto: The Women's Press, 1989.
- GODARD, Barbara. "Preface". In: **These Our Mothers or: The Disintegrating Chapter**. Toronto: Coach House Press, 1983.
- GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. **Tessera**, v.6, 1989, p. 42-53.
- GODARD, Barbara. Translating and Sexual Difference. **Resources for Feminist Research**, 1984, vol. 13, n o 3, p. 13-16.

GODARD, Barbara. Preface. In: **Lovhers**, traduzido por B. Godard. Montreal: Éditions Guernica, 1986, p. 7-12.

GODARD, Barbara, The Translator as Ventriloquist. **Prism International**, vol. 20, n. 3, 1982, p. 35-36.

GODARD, Barbara. Translating Translating Translation. In: THEORET, France. **The Tangible Word**. Toronto: Coach House Books, p. 7-15.

HOMEL, David et Sherry SIMON (Org.), **Mapping Literature The Art and Politics of Translation**. Montreal: Véhicule Press, 1988, 127 p.

HORGUELIN, Paul A. **Anthologie de la manière de traduire. Domaine français**. Montreal: Linguatex, 1981.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de. **Re-Belle et Infidèle. La traduction comme pratique de réécriture au féminin / The Body Bilingual. Translation as a rewriting in the feminine**. Montreal/Toronto, Les Éditions du Remue-Ménage / The Women's Press, 1991.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de. About the her in other, Letters From An Other. In: GAUVIN, Lise. **Lettres d'une autre**. Montreal: Éditions L'Hexagone, 1987, p. 9-12.

LUSIGNAN, Serge. **Parler vulgairement**. Paris/Montreal: Vrin/Presses de l'Université de Montreal, 1986.

MEZEI, Kathy. Traverse. **Tessera**, v. 6, 1989, p. 9-10.

MONFRIN, Jacques. Humanisme et traduction au Moyen Âge. **Actes du colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg**. Paris, C. H. Klincksieck, 1964, p. 217-246.

MONFRIN, Jacques. Les traducteurs et leur public en France au Moyen Âge. **Actes du colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg**. Paris, C. H. Klincksieck, 1964, p. 247-262.

MOUNIN, Georges. **Les Problèmes théoriques de la traduction**. Paris: Éditions Gallimard, 1963.

RICARD, François. **La Génération lyrique**. Montreal: Éditions Boréal, 1992.

SCOTT, Howard. Translator's Introduction. In: GAGNON, Madeleine. **Lair**. Toronto: Coach House Press, 1989, p. 5-10.

SCOTT, Gail. **Héroïne**. Tradução de Susanne de Lotbinière-Harwood. Montreal: Remue-Ménage, 1988.

SCOTT, Gail. Liminaire. **Tessera**, v. 2, 1985, p. 5-6.

SIMON, Sherry. Preface. In: GAUVIN, Lise. **Letters From An Other**. Toronto: Women's Press, 1989, p. 5-8.

SMART, Patricia. **Écrire dans la maison du père. L'émergence du féminin dans la tradition littéraire du Québec.** Montreal: Québec/Amérique, 1988.

TAYLOR, Robert. Les néologismes chez Nicole Oresme, traducteur du XIV e siècle. In: **Actes du X e congrès international de linguistique et philologie romanes, publiés par Georges Straka.** T. II. Paris: Klincksieck, 1965, p. 727-736.

WILDEMAN, Marlene. Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act. **Tessera**, v.6, 1989, p.31-40.

WILDEMAN, Marlene. Translator's Introduction. In: BROSSARD, Nicole. **The Aerial Letter.** Toronto: Women's Press, 1988, p. 27-31.